Ano XIII ... Nº 379 ... Uberaba/MG ... junho/julho de 2013

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Denise da Supra
A mulher que dedica-se aos animais em nome de um ideal
10

Gilson Batata
O técnico que tentou levar adiante o sonho do USC
12

Matheus Corrêa
O estudante que luta contra a Talassemia
16

Identidade

Conheça diferentes personagens conforme suas próprias versões

issuu-downloader.com

Editorial

Este Revelação é especial por retratar a entrevista, no formato conhecido no jornalismo como pingue-pongue. As personalidades de Uberaba são apresentadas pelos alunos do 1º período de Jornalismo, neste primeiro semestre de 2013, como autores da sua própria história.

Cada estudante escolheu, conforme os critérios de aproveitamento da notícia, segundo o teórico Nilson Lage, seu entrevistado. Ainda sem perder de vista os teóricos, optaram pelos três diferentes tipos personagens, de acordo com Muniz Sodré. Nesta edição, há personagens indivíduos, com forte apelo, conforme seu perfil psicológico; personagens-tipo, aqueles que fazem sucesso pelo que se notabilizam; e personagens-caricatura, ou seja, figuras ora estranhas, ora exóticas, ora excêntricas, ora exibicionistas. Desvendar esta mágica de extrair do entrevistado suas singularidades foi o desafio dos aprendizes.

Espero que goste da nossa séria e instigante aventura.

Guido Bilharinho, um arquivo vivo de Uberaba

Guido Luís Mendonça Bilharinho nasceu em Conquista, na região do Triângulo, em 27 de março de 1938. Aos cinco anos de idade, mudou-se para Uberaba junto dos pais e o irmão, onde vive até hoje. Aos sete anos, estudou na escola Dona Marica Canãa. No terceiro ano primário, trocou de escola, passando a estudar no Colégio Marista Diocesano, onde tornou-se interno devido à mudança de sua família para uma fazenda. No quarto ano primário, o seu pai faleceu e, para continuar os estudos, ele e seu irmão vinham e voltavam da escola de charrete. Com garra e luta, Guido conquistou e ainda conquista seus objetivos. Estudou curso jurídico na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, e atua como advogado desde 1963. Nas horas vagas, se presta a desenvolver a capacidade de escrever e contar histórias. Guido é um intelectual empenhado, apaixonado pela literatura, pela política, pelo cinema e pela cidade de Uberaba. Desenvolveu diversas atividades na área cultural. É autor de livros de poesia, contos, história do cinema e crítica literária e cinematográfica. Tem poemas publicados em várias antologias poéticas, do Brasil e do Exterior.

Letícia Reis
2º período de Jornalismo

Revela: Quando criança, sonhava em atuar em que profissão?

Guido: Na verdade, eu sempre quis ser advogado. Na minha família, a tendência sempre foi essa. Meus pais apoiavam a ideia. Já cheguei a pensar em Letras, Jornalismo ou Diplomacia, mas tudo se encaminhou para a advocacia, afinal, é o que eu sempre quis.

Revela: Sua profissão atual é advocacia, mas a maior parte do seu tempo livre é dedicado à escrita. Como esta paixão começou?

Guido: Eu sempre gostei de ler, desde criança. Na casa da minha avó, havia muitos romances brasileiros, então, ao ir para lá, acabei lendo todos. Ao ir para o trabalho, eu ia de bonde, então, dentro do bonde, usava o tempo para ler mais. Acredito que este é o motivo. Muita leitura.

Revela: Como percebeu que um dos seus "destinos" era o de escritor?

Guido: Foi automático, não planejei isso. Quem lê muito, quer escrever. É uma tendência. Sempre gostei das áreas que envolvem português e literatura, incuindo a facilidade de escrever que sempre

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ··· **Reitor:** Marcelo Palmério ··· **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ··· **Coordenador do curso de Comunicação Social:** Celi Camargo (DF 1942 JP) ··· **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ··· **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva, Jr. Rodran, Bruno Nakamura (ex-alunos Jornalismo/Publicidade e Propaganda) ··· **Designer Gráfico:** Isabel Ventura ... **Estagiários:** Madu Monteiro e Matheus Queiroz (3º período) ··· **Revisão:** Cíntia Cerqueira Cunha (MG 04823 JP) ··· **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ··· **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ··· **Telefone:** (34) 3319 8953 ··· **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

> O ser humano é feito de rupturas: ele está sempre rompendo com alguma coisa

tive, tornei-me um escritor. Um detalhe curioso. Posso dizer que foi o sol que me fez escrever (risos). Sabe por quê? Quando criança, eu ia para o Uirapuru todos os dias e ficava lá a manhã inteira. Andava de bicicleta, nadava e sempre, a maioria das manhãs, com aquele sol bem forte. Um dia, li uma matéria sobre o câncer de pele proveniente do sol e parei imediatamente de ir para o clube. Assim, troquei as minhas manhãs de sol pela escrita.

Revela: De onde vêm os personagens das suas obras?

Guido: Meus contos são divididos em três categorias. Ficções, diálogos e narrativas policiais. Sou do tipo que escreve e depois de pronto, pensa: como eu fiz? (risos). Mas, às vezes, também acontece assim. Estou em um elevador, por exemplo, e penso: Imagina se entrasse uma vaca aqui? Pronto, já engajo um conto. Ou, na mesma situação, penso: Já pensou se o elevador descesse ao invés de subir? Pronto, outro conto. Transformo estas meras situações em contos inteligentes.

Revela: E sobre o seu conhecimento sobre a área cinematográfica?

Guido: Tenho 13 títulos incluindo um livro sobre seis cineastas brasileiros. Já morando em Uberaba, conheci um grupo de intelectuais e nós conversávamos muito sobre cinema. Víamos filmes e anotávamos comentários e impressões deles. Montamos então o Cineclube (em 1962). Neste Cineclube, eram transmitidos filmes que nós alugávamos e assistíamos com uma máquina de projeção. O filme era transmitido e depois havia um debate, senão, não tinha graça. Debatíamos e escrevíamos artigos nos jornais. Eram dadas até notas para os filmes, de zero a cinco. Foi uma efervecência cultural.

Revela: De todas as suas obras, qual a sua preferida?
Guido: Todas são de gêneros diferentes. Não tenho nenhuma preferida.

Revela: O trabalho de advogado influi ou já influiu em seus textos?

Guido: Embora ambos lidem com palavras e ideias, nunca influiu.

Revela: A sua paixão maior está em advogar ou em escrever? Dá para colocar ambos em um mesmo patamar?

Guido: Atualmente, se pudesse somente escrever, só escreveria, mas tenho que continuar a advogar, mesmo já aposentado. Só a aposentadoria não sustenta ninguém, afinal, é muito pouca. Gosto muito de trabalhar nos dois ramos. Dá pra conciliar.

Revela: Seus familiares sempre apoiaram as suas profissões?

Guido: Sim, muito! Meus pais sempre apoiaram e minha atual família também apoia. Não é à toa que tenho mais um advogado e um escritor na família.

Revela: O senhor teve a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos fora do Brasil?

Guido: Na época do falecimento do meu pai, minha mãe, em correspondência para o Rio de Janeiro, conseguiu uma bolsa de estudos para o Curso Clássico, que ainda não existia em Uberaba. Então, fui para o Rio de Janeiro estudar no Colégio Pedro II, onde permaneci de 1955 a 1957. Aos 19 anos, ainda morando no Rio de Janeiro, o presidente de Portugal veio ao Brasil. Então, na escola em que eu estudava houve um concurso para conhecer Portugal, com tudo pago. Ganhei este concurso e pude então conhecer Portugal. Mas não foi nada relacionado ao conhecimento que eu tenho hoje. Isso faz muito tempo. Mesmo assim, relacionado a aprofundar conhecimentos, nunca viajei para fora do Brasil. Com a família, sim, já fui. Mas só para lazer. Todo esse meu conhecimento advém do nosso querido Brasil.

Revela: Sente-se realizado profissionalmente?

Guido: Ainda não! Tenho mais alguns livros para terminar e editar. Quero espalhar mais um pouco do meu conhecimento. Gosto de saber, mas gosto mais ainda de transmitir. Do que adianta somente eu saber? Tenho que repassar. Vou repassar.

Foto: Letícia Reis

issuu-downloader.com

Décio Bragança, o rebelde fascinado pelas letras

Décio Bragança Silva, nascido no dia 22 de fevereiro de 1950, em Itabira, no estado de Minas Gerais, é professor há cinco décadas, e afirma que sua profissão o define desde os 12 anos, momento em que decidiu sair de casa e ingressar num seminário franciscano, cuja doutrina segue e promove desde então. Fascinado por Letras, com destaque para a Língua Portuguesa, o professor Décio é um homem exemplarmente estudioso e possui uma mente autodefinida como "rebelde". Acredita que o ser humano existe para desobedecer, assumindo "atitudes de ruptura", como definido pelo próprio.

Visando ao melhor conhecimento da sua filosofia, do seu modo de pensar e de suas opiniões pessoais acerca de temas como a Igreja e o novo papa, foi elaborada esta entrevista com.

Breno Cordeiro
2º período de Jornalismo

Jornal Revelação: Por que é importante possuir uma mente rebelde?

Décio Bragança: A palavra rebelde é, às vezes, mal interpretada – prefiro a palavra ruptura. O ser humano é feito de rupturas: ele está sempre rompendo com alguma coisa e seu progresso pessoal, individual, subjetivo, é feito sempre através dessa ruptura. E assim também é o progresso científico. A minha vida foi feita de rupturas o tempo inteiro. Eu tenho a coragem de romper, mesmo que me tenha trazido por vezes prejuízos econômicos e até emocionais. Não me acomodo nunca – para mim, nada nunca está bom.

> "O ser humano é feito de rupturas: ele está sempre rompendo com alguma coisa

Revela: Em que medida a rebeldia assumida pelo senhor se relaciona com S. Francisco de Assis?

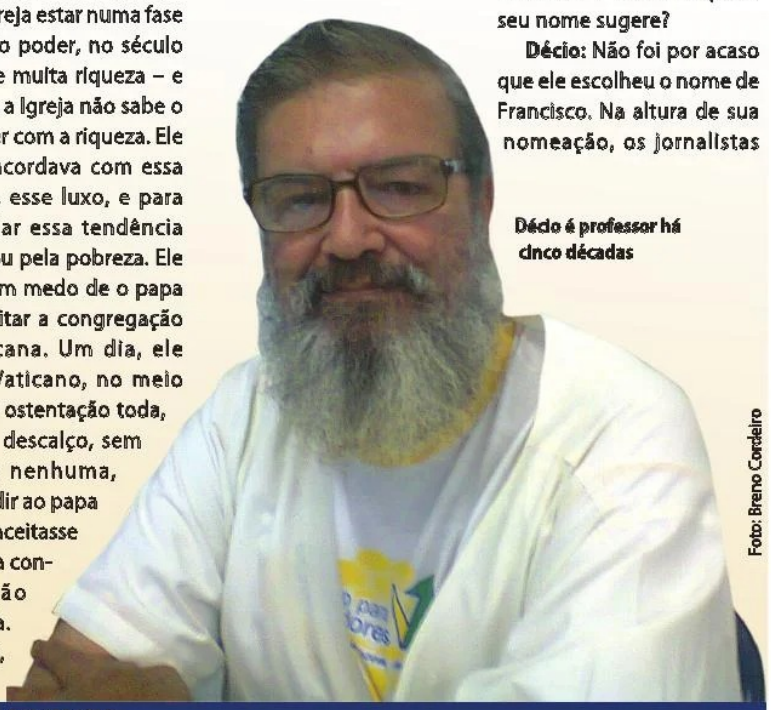
Décio: Eu sou decididamente, desde pequeno, apaixonado por esse homem e por essa mulher – o Francisco e a Clara. Eu costumo dizer que se trata de uma história de Romeu e Julieta eterna porque eles continuam se amando. O Romeu e a Julieta morreram, mas o Chico e a Clara não morreram – eles estão vivos e são o símbolo do amor. Os dois romperam com a vida rica, eram os dois muito bonitos e, por isso, tinham a perspectiva de bons casamentos e, mesmo assim, tiveram coragem de romper com a família. Primeiro, foi ele: entregou tudo o que tinha ao seu pai e disse que não precisava daquilo para viver. Depois, a Clara fez a mesma coisa, e os dois foram viver na natureza, em cavernas, no meio do mato, junto com os animais, comendo o que eles comiam, e fazendo o que lhes era possível fazer para permanecerem vivos. E continuaram se amando o tempo inteiro. O interessante dessa história toda é que eles se entregaram a Jesus Cristo, apesar de a essa altura a Igreja estar numa fase de muito poder, no século XIII, e de muita riqueza – e até hoje a Igreja não sabe o que fazer com a riqueza. Ele não concordava com essa riqueza, esse luxo, e para contrariar essa tendência ele optou pela pobreza. Ele ficou com medo de o papa não aceitar a congregação franciscana. Um dia, ele foi ao Vaticano, no meio daquela ostentação toda, e ele ia descalço, sem riqueza nenhuma, para pedir ao papa que ele aceitasse sua nova congregação religiosa. O papa, sabiamente, aprovou e deu-se assim o início da irmandade franciscana.

Revela: O senhor afirma que ainda hoje tenta pôr em prática seu espírito rebelde em ações pequenas do dia a dia. Em que se traduz esse esforço?

Décio: Eu tenho medo de acomodar. Se eu me acomodasse, estaria me aproximando da minha morte. Por isso, eu acho que, enquanto continuar brigando com Deus, brigando com a vida, brigando com as coisas, brigando com os homens, eu continuo vivo.

Revela: De que forma o papa Francisco parece demonstrar a rebeldia que o seu nome sugere?

Décio: Não foi por acaso que ele escolheu o nome de Francisco. Na altura de sua nomeação, os jornalistas



Décio é professor há cinco décadas

Foto: Breno Cordeiro

issuu-downloader.com

sabiam que certos cardeais tinham maior hipótese de serem o novo papa – havia um americano, um africano, um alemão, um italiano. Quando o Francisco foi eleito, nenhum jornalista sabia quem ele era. Por isso, demoraram vários dias para publicar informações sobre ele – ele foi o papa inesperado. E acho que só o fato de ele ter sido inesperado já é uma atitude de ruptura. Acerca de sua rebeldia, já é visível uma mudança de linguagem em certos canais católicos, por exemplo, a Canção Nova, a Rede Aparecida, a Rede Viva. A teologia do louvor está mais contida – o objetivo é propagar a ideia de que a salvação não é algo individual e, sim, coletivo. Se eu vou para o Céu, eu levo um punhado de gente comigo. Outra ideia importante é que a Igreja deve ser um amigo dos pobres. E essas doutrinas começaram com S. Francisco, e parece que o papa pretende defendê-las.

Revela: Quais são os problemas enfrentados por quem pratica essa rebeldia característica de S. Francisco, do novo papa e do senhor?

> Quando o Francisco foi eleito, nenhum jornalista sabia quem ele era

Décio: Eu acho que não tem problema nenhum. Se as pessoas reagem contra a rebeldia, o problema é dessas pessoas. O importante é não se acomodar. O objetivo não é que as pessoas concordem com quem é rebelde. Eu lucrei com minha rebeldia. Tenho um emprego e sou conhecido – isso se deve à rebeldia. Já dei aulas a pessoas com problemas de droga, de crime, e apenas consegui ajudá-los porque tinha uma linguagem próxima à deles – eu compreendia a rebeldia que eles sentiam.

Revela: De certa forma, instituições religiosas tendem a ser geralmente conservadoras e evitam pensamentos rebeldes, ou de ruptura, como o senhor diz. O que isso traz de negativo para os fiéis da Igreja, por exemplo?

Décio: O problema é que a Igreja existe para o pecador. Um dia discuti com um padre, o frei Paulo, e ele ficou com raiva de mim muito tempo. Hoje, somos amigos. Ele disse que pessoas que descasam, que voltam a casar, que são homossexuais, deviam se retirar da Igreja. E eu fiquei encabulado com isso. Ele soube que eu ia fazer uma manifestação pública contra o que ele defendia e, então, foi em minha casa. E eu lhe disse: "Santos não precisam da Igreja. A Igreja é para o pecador, para o pobre, para o bandido, para o feio, para o marginalizado. Quem está no caminho certo não precisa de ajuda. Quem vai à Igreja para ser ajudado é o vagabundo como eu e o senhor". Ele ficou ofendido por eu ter dito que ele era vagabundo, mas é verdade – se não fosse, ele não precisaria da Igreja, e nem eu.

Revela: Certos lugares sagrados do mundo (como Fátima, Santiago de Compostela, Assis, etc.) têm-se tornado muito comerciais. O que diria sobre isso?

Décio: Esse é um grande problema. Eu vou em Aparecida do Norte, em Bom Jesus da Lapa – um lugar lindo no sul da Bahia. Eu gosto de fazer peregrinações, mas não para ver um milagre acontecendo comigo, e sim para ver o milagre acontecendo com outras pessoas, devido à sua fé. Nesses lugares, quando você sai do santuário, sai do lugar sagrado. Vendem pinga, tem prostituição, tem bordel, tem forró, tem pastel, tem loja de santo e de terço, de CDs que são tudo, menos religiosos... E claro que a Igreja permite isso, possivelmente ainda lucra com isso. Uma pessoa acaba de receber um milagre e entra imediatamente em contato com isso. Desfaz a obra do milagre. Acho que compete à Igreja analisar essa situação e acabar com ela. Pelo menos, para evitar hipocrisias.

Revela: O senhor afirma que o antigo papa Bento XVI tem mais talento para ser professor do que para ser pastor. Em que difere o papa Francisco, e que efeitos isso tem na Igreja?

Décio: O Bento era professor, sabe várias línguas, sabe tudo sobre teologia, mas não servia para ser papa. Ele era racionalista, era professor, e um papa não pode ser professor: o professor quer avaliar, quer reprovar, quer cobrar. O papa tem que ser um líder. As pessoas não querem um professor, não querem um teólogo. O papa deve ser aquele que abre a porteira da cocheira para o povo sair. Não interessa quais os caminhos que as pessoas escolhem. O papa tem de as guiar nesse sentido e acho que o Francisco tem essa capacidade. Naquele dia em que ele beijou os pés dos presidiários, ele provou isso: um dos presidiários tinha uma tatuagem demoníaca e ele beijou o pé dele mesmo assim. Isso é ruptura!

Revela: Como contribuíram sua fé e sua filosofia para a concretização de seus objetivos ao longo da vida?

Décio: Eu sempre fui uma pessoa meio mística, meio transcendente, meio sentimental. Eu sou muito brasileiro e brasileiro é tudo isso junto. Brasileiro mata a galinha preta na sexta-feira, no sábado, frequenta o centro espírita e, no domingo, vai comungar! Eu sou mais ou menos isso: frequento tudo que é igreja, quero que as pessoas acreditem, que se aceitem umas às outras. Eu quero abrir a porteira da cocheira e não interessa quem quer passar.

issuu-downloader.com

A jornalista apaixonada por história

Faeza Rezende é formada em Jornalismo (2006) e Direito (2009) pela Universidade de Uberaba. Já trabalhou no Jornal da Manhã, Grupo Bandeirantes, onde exerceu funções como repórter, editora e apresentadora. Atua como repórter na TV Integração (afiliada à Rede Globo) e desenvolve um trabalho no Museu Virtual da ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu) que dá vazão a uma paixão antiga: contar histórias

Daniela Miranda
2º período de Jornalismo

Jornal Revelação: Muitos conhecem o seu trabalho como repórter da TV Integração, mas sobre o seu trabalho na ABCZ já não é tão reconhecido. Você faz esse trabalho há quanto tempo?

Faeza Rezende: Quando eu fui convidada a integrar a equipe, o Museu Virtual da ABCZ ainda era só um "projeto". O grupo ainda era bem pequeno e tudo ainda estava no campo das idelas. Fui contratada em janeiro de 2011 e, inicialmente, para pesquisas históricas e textos para a "sala" que abriria as portas do Museu: a Sala Virtual Mário de Almeida Franco, que conta a história das exposições agropecuárias em Uberaba.

> Eu tenho um objetivo: ajudar a desenvolver o Museu e contribuir com a equipe

Revela: O que você faz no Museu Virtual da ABCZ?

Faeza: Como disse, inicialmente, fui contratada para fazer pesquisas históricas e textos. Aos poucos, o Museu Virtual foi crescendo e ganhou mais recursos. Entre eles, o de audiovisual. Assim, hoje, além de textos, "abraço" essa parte que é superinteressante, na minha opinião. Faço entrevistas com personagens importantes da história. Eu mesma faço as edições. Além disso, construo texto para imagens e vídeos históricos que, muitas vezes, conseguimos, mas que aparecem sem informações. É muito interessante porque esse é o setor, em minha opinião, mais "vivo" e "dinâmico" do Museu. Afinal, as pessoas podem ouvir a história da voz de quem a construiu, mas mais do que funções específicas, eu tenho é um objetivo específico: ajudar a desenvolver cada vez mais o Museu e contribuir com a equipe.

Revela: A área de história te atrai? É uma espécie de nova especialidade "jornalista historiador"?

Faeza: Conhecer o passado é incrível! É por meio dele que podemos planejar o futuro e, com certeza, encontramos respostas para o presente. Mas eu não sou formada, nem tenho especialização na área. No Museu Vistual, temos uma equipe de historiadores para nos dar suporte. Só que, claro, é uma área específica de atuação e como o papel do jornalista é buscar conhecimento (seja por pesquisar em livros, entrevista ou outros), preciso estar constantemente ligada a essa função de uma espécie de "historiadora". Quando se desenvolve um trabalho histórico, o que buscamos de resultado é diferente de um trabalho jornalístico do cotidiano, factual. O que se quer é registrar, divulgar e eternizar, pela forma mais completa possível, as informações sobre o nosso passado.

Revela: Das entrevistas que você fez para o museu, qual considera mais interessante e curiosa?

Faeza: Aprendi muito com todas elas. É muito interessante ver relato de pessoas que lutaram por um ideal. Os desafios por um bem coletivo: ajudar a formar a pecuária brasileira. Várias entrevistas me marcaram, mas vou citar a com professor Noel Sampaio. Quando eu o entrevistei, ele tinha mais de 90 anos, falava bem baixo, mas com uma memória incrível. Se emocionou várias vezes, chorou ao lembrar que ajudou a formar a Fazu. Me lembro bem de uma frase que ele disse. Era mais ou menos assim: "Feliz daquele que consegue formar uma escola". Foi mais do que um relato histórico. Foi uma aula de vida que tive aquele dia. Aquela foi a última aula que ele deixou "regis-

Faeza concluiu o Jornalismo com videodocumentário que contava a história de Uberaba por meio das sete colinas

issuu-downloader.com

trada" aqui na Terra. Um ano depois, ele faleceu.

Revela: Quais os materiais disponibilizados na página? Qual o site?

Faeza: O site é www.abcz.org.br/museuvirtual. Nós disponibilizamos conteúdo sobre a história da pecuária, através dos mais diferentes recursos, como textos, imagens e vídeos. Sobre os vídeos, temos os de entrevistas, com personagens da história, e os com imagens históricas, por exemplo, temos um filme com a visita de presidente da República, Getúlio Vargas, inaugurando a Exposição Agropecuária de 1941. Outro ponto interessante é o acervo de publicações. Todos os informativos e revistas da ABCZ e Zebu foram digitalizadas e podem ser lidos e folheados pelo site.

Revela: Sobre as revistas a ABCZ, Zebu, informativo e O Zebu, qual a dificuldade de digitalizar documentos tão antigos?

Faeza: Essa é uma ação desenvolvida por uma equipe específica. Não é minha atribuição, mas a ABCZ possui um grupo treinado para isso.

> Eu tenho um objetivo específico: ajudar a desenvolver o Museu e contribuir com a equipe

Percebo que como esses documentos ficaram guardados por anos, muitos estão danificados e a recuperação é difícil.

Revela: Você acredita que se os museus começarem a investir em passar seus documentos históricos para páginas na Internet, os museus físicos perderão a visibilidade?

Faeza: Acredito que todos têm espaço, mas os museus virtuais são uma tendência e um caminho sem volta (Graças a Deus!). Digo isso enquanto usuária da tecnologia. Afinal, o museu virtual é uma maneira de democratizar o conhecimento, a cultura, a história. Por exemplo, você imagina quantas pessoas não sonham em conhecer o Museu do Louvre, na França, e nunca terão oportunidade de ir lá? Mas hoje, pelo site, já é possível fazer um "tour" virtual. É incrível! Assim acontece com o Museu Virtual da ABCZ. Pessoas de qualquer lugar do mundo conseguem conhecer parte da história do zebu brasileiro pelo site, sem ter que vir a Uberaba. Claro que a magia do "museu físico" sempre vai existir. Nunca poderemos "materializar" a cabeça de um boi, por exemplo! Por mais que as tecnologias, como a 3D, deem uma boa noção da realidade. Acredito, ainda, que o museu físico tende a ficar cada vez mais mágico. Afinal, para competir com a facilidade de acesso aos museus virtuais, ele deve apresentar atrativos para os visitantes. Por outro lado, o museu virtual também tende a funcionar como uma "extensão" do museu físico,

Fotos: Arquivo Pessoal

Faeza com a equipe responsável pelo Museu Virtual da Associação Brasileira de Criadores de Zebu

apresentando conteúdos diferentes e mais amplos que o visitante consegue encontrar em "um prédio".

Revela: Quais os novos projetos que o site está adotando?

Faeza: O Museu Virtual da ABCZ é um projeto sem fim. Afinal, existe muita história para ser contada, além disso, todos os dias, são escritos novos capítulos da história da pecuária brasileira que merecem ser registrados, divulgados e eternizados. Lançamos a terceira sala do museu, durante a ExpoZebu. Homenageamos os pioneiros do zebu, que importaram o gado da Índia. Mostramos biografias, fotos, vídeos desses "heróis" da pecuária, além disso, o internauta poderá acompanhar o contexto socioeconômico-político da história das importações. E, nessa nova sala, apresentamos mais recursos diferentes. Entre eles, uma área só com "causos" da vida na roça, uma forma de valorizar a oralidade como ferramenta da história. Esses "causos" aparecem em vídeos e também em charges assinadas por Jamilton Souza. E tem mais. O lançamento da terceira sala marca a inauguração da biblioteca técnica do site. Serão disponibilizados livros completos, cujos direitos autorais foram concedidos pelos autores.

Revela: Muitas pessoas pensam que o campo de atuação do jornalista é limitado à TV, rádio e impresso. Essa sua função mostra justamente o contrário?

Faeza: Claro! O projeto do Museu Virtual me possibilita "desbravar" um campo novo e muito promissor. Acredito que, como esse, existem vários outros mercados a serem explorados.

Revela: Em relação ao conteúdo do site, o que analisa em relação à sua contribuição para cultura e informação que está disponível para todos?

Faeza: Contribuir para a cultura e a divulgação da informação é cumprir uma meta da profissão. Ser jornalista é isso. É informar. Quando vemos que podemos democratizar o conhecimento é uma sensação de dever cumprido. Além disso, é muito legal poder fazer parte de um projeto tão inovador e, ao mesmo tempo, "desbravar" um campo novo de atuação para os jornalistas. É muito interessante estar mais próxima da história e, ao mesmo tempo, do futuro. Para mim, é isso que significa o museu virtual: uma maneira, digamos, "futurística" de divulgar o passado.

issuu-downloader.com

Ana Lúcia: há 19 anos na batalha pela inclusão

Ana Lúcia Andrade, 56 anos, é uma psicóloga uberabense que trabalha na Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Uberaba há 19 anos. Com 31 anos de profissão, ficou conhecida por desenvolver um projeto de inclusão dos alunos da instituição no mercado de trabalho. Por meio de suas histórias e de sua personalidade forte, Ana conta como foram os primeiros trabalhos na Psicologia, como chegou à Apae, que hoje é considerada referência, e o que aprendeu diante de tantas situações inusitadas e marcantes em sua vida.

Fernando Gomes
2º período de Jornalismo

Revela: Em que momento você descobriu que queria trabalhar na área de Psicologia?

Ana: No terceiro colegial. Na verdade, sempre foi minha primeira opção. Já havia feito alguns cursos, gostava muito de ler, principalmente coisas ligadas à área de [ciências] humanas, foi quando optei por Psicologia. Passei, fiz em Uberaba mesmo, pela antiga Fiube, me formei em 1982, a sétima turma de Psicologia aqui na cidade.

Revela: Como foram os primeiros trabalhos como psicóloga?

Ana: Fui para São Paulo, trabalhei com um psiquiatra em terapia de casais. São Paulo não é fácil. Tinha que trabalhar para me sustentar e eu morava na casa da minha tia. Andava 14 km por dia num ônibus, ganhava por atendimento e voltava para casa. Praticamente pagava para trabalhar, mas era o que podia ser feito na época. Um ladrão assaltou minha casa e meu pai, muito ciumento, ordenou que eu voltasse para cá. Fiquei mais estressada, realmente não queria mais ficar lá e descobri que estava grávida do meu primeiro filho – não tinha mais jeito, tinha que voltar. Meu ex-marido trabalhava por lá e teve que ficar, então, vim sozinha. Voltei para a loja do meu pai. Depois, esse ex-marido pediu demissão e também veio para cá, ou seja, meu pai o colocou debaixo das "asas". Fiquei três anos sem trabalhar na minha área, até o segundo filho. Comecei a trabalhar com seleção e recrutamento de pessoal, mas não concordava muito com as coisas lá dentro. Registravam a carteira, mas os salários atrasavam, não depositavam Fundo de Garantia, me pediam para olhar de forma "diferente" alguns candidatos e eu não combinava com isso. Nunca me destrataram, mas, depois de dois anos, decidi não continuar com o serviço.

Revela: E como você foi parar na Apae de Uberaba?

Ana: Eu conheci a Apae porque tinha um primo deficiente que estudava lá, Thiago, já falecido. Participava de festas, reuniões de pais e, na época de faculdade, fui fazer um trabalho por lá, mas não era estágio, não era como hoje. Tinha uma matéria chamada Psicologia do Excepcional – apesar de ninguém querer trabalhar com a deficiência – com o professor [Francisco Mauro] Guerra, um dos fundadores da Apae, que era ministrada aos sábados, às 7h. Às 7h01, ninguém entrava mais. Então, por ser aos sábados, era muito pouco e não tinha estágio. Quando voltei de São Paulo, deixei um currículo na escola, mas trabalhei por dois anos na empresa de RH. Um dia, encontrei uma amiga que fazia faculdade comigo, e ela me disse: "Ana, sou presidente da Apae" e eu disse que meu grande sonho era trabalhar lá. Uma semana depois de ter saído da outra empresa, eu já estava empregada. Era 13 de setembro de 1994, já são 19 anos.

Revela: Quais eram os seus maiores anseios e medos no início dessa nova fase?

Ana: Meu medo era de não conseguir e não saber como lidar com as deficiências e a minha vontade mesmo era que eu conseguisse, pelo menos, trabalhar com a estimulação, que é o mais essencial. O processo é lento, o portador de deficiência tem um atraso – atraso mental – ele tem um atraso no seu desenvolvimento, mas é um ser humano, com as mesmas necessidades, desejos, embora em fases diferentes, e é desacreditado. Quando comecei a atender, vi que eles precisavam ser acreditados, ser vistos. Antes, não se via nenhum deficiente na sociedade; hoje, a Apae de Uberaba já é polo. São 410 alunos. Eu vi que eles têm um emocional comprometido, obviamente, mas você percebe o quanto que eles são verdadeiros. Lógico, que alguns têm certa malícia, mas outros não têm nem medo de punição e não nos percebe como psicólogos. Difícil lidar com essa transferência. Mas, nós nos colocamos como educadores. Os medos sempre existiram, mas foram sanados no "acreditar". Vejo o quanto a gente cresce e aprende com eles. Falo que deficientes todos nós somos; eles, em maior grau. No fundo, eu procurei trabalhar nessa área porque também fui rejeitada porque sou canhota! Na minha época, eram aquelas carteiras de braço e haviam quatro canhotos na minha turma entre 90 alunos, três cursos juntos no primeiro período. Tinha que chegar mais cedo para pegar carteira, ficava naquela briga e tinha que se adequar quando não dava. Relaciono isso

> "Aprender é a maior gratificação que um ser humano pode ter, independentemente da função

issuu-downloader.com

com o deficiente, adaptar para sobreviver. É o que ele faz e é nesse ponto que se vê grandes vitórias.

Revela: Através do seu trabalho, a instituição encaminha alguns alunos ao mercado de trabalho. Como você classifica o progresso desses alunos?

Ana: Faz 13 anos que coloquei o primeiro aluno no mercado de trabalho. Esse aluno foi chamado por uma lanchonete de fast-food especializada em comida árabe porque a mãe do proprietário estava com problemas de saúde e ele queria contratar um portador de deficiência. Levando o aluno para acompanhamento é que se vê uma grande dificuldade. Para enviá-los ao mercado, faço uma reunião antes com a empresa, com os funcionários para que eles saibam acolher, porque a maior parte "passa a mão na cabeça", esse é o termo mais correto. Mas não é para isso acontecer, tem que ser o mais perto do normal, porque, como eu disse, ele tem as fases, só que atrasadas. Um dos melhores profissionais de uma rede de hipermercados no Brasil há dois anos foi o Gabriel Dias, aluno da Apae.

Revela: Conte essa história pra gente.

Ana: Ele ficou em 28º no ranking mundial dos melhores funcionários deste hipermercado. É um aluno que não sabe ler e escrever, nem contar até seis, mas tem uma incrível memorização. Sabia a hora certa de entrar para trabalhar por memorizar a posição dos ponteiros do relógio e a empresa era rigorosa com horários. Veja só: para ser um repositor dentro de um supermercado, temqueterno mínimo o Ensino Médio – Gabriel não lê, nem escreve, ele grava, vai por rótulos. A lei o protege dessa exigência de escolaridade. Hoje, ele é chefe de seção. É um progresso que não é fácil. Em dez anos, tenho 16 colocados regularmente nas empresas. Muitos ainda não aceitam. Muitos só contratam por marketing ou exigência, como o supermercado que me pediu nove alunos para contratação de um dia para o outro. Uma professora que deu aula na Apae há muitos anos disse que veio me conhecer, porque vê em alguns lugares os alunos que eram dela há muito tempo e se emociona, porque finalmente foram reconhecidos. Eles têm uma eficiência.

Ana conseguiu indicar o primeiro aluno especial para o mercado de trabalho no ano 2000

Foto: Fernando Gomes

Revela: O que mudou na sua personalidade a partir da vivência com alunos especiais?

Ana: Ser mais humana e perceber que, embora com deficiência, todos nós somos iguais; e crescimento emocional, porque eu tive uma experiência, por exemplo, com um aluno que é muito ligado com a mãe, ele tem 11 anos. Ele chora, fala pouco, grita "mamãe!", essas coisas. Aí ela [a mãe] o manda com fome, não cuida dele, está com o ouvido todo purgando, cabeça cheia de piolhos, uma dificuldade, sabe? Nisso, a assistente social pediu que eu dissesse a ele que o conselho [tutelar] iria buscá-lo. E fiz todo um trabalho com ele e disse: Depois que você comer, vão vir duas moças para te levar para outra casa. Você não vai morar mais com a mamãe. Ele pulou, me agarrou e me beijou, tamanha foi minha reação de susto! Ele já queria ir embora. Eu não estava acreditando naquilo. Eu falei novamente que ele não ia morar com a mamãe e ele começou a ficar ansioso, mas estava feliz. Ninguém esperava essa reação, eu assustei no momento. Por mais que se tenha uma condição emocional, a gente se surpreende. Ele foi para a casa de proteção. Então, nada lá é igual todo dia, cada dia é uma nova experiência, a gente cresce mais.

Revela: Qual a sua maior felicidade trabalhando na Apae?

Ana: Minha maior felicidade é aprender com eles. Eles dão uma lição de vida. Você vê o sentimento, a emoção deles. É muito grande! Aprender é a maior gratificação que um ser humano pode ter, independente da função. Alguns chegam lá querendo ser voluntários, mas, na verdade, vão para resolver alguma coisa – pode ser compaixão ou medo. Geralmente, não conseguem ficar, vão se assustar, ter problemas, por isso, deve-se ter a preparação. Não é fácil, mas se souber entender, é "APAExonante".

> "Aprender é a maior gratificação que um ser humano pode ter, independentemente da função

Revela: Qual é a principal característica da mulher Ana Lúcia?

Ana: Em primeiro lugar, sou muito humorista! Gosto de brincar, ficar de bem com a vida. Outra paixão é representar, sempre gostei disso. Gosto de viver intensamente. Costumo falar para os meus pacientes que todos nós temos duas certezas na vida: que você nasceu e que você vai morrer, só não sabemos o dia. Você quer saber? Eu não!

Revela: Qual é o sonho que você ainda não conseguiu realizar?

Ana: Aposentar e viajar, meu filho! Adoro viajar! Faltam quatro anos para que isso aconteça. Meu maior desejo quando criança era ser trapezista, mas acho que esse é um sonho que não vou realizar. O que eu quero mesmo é aposentar e viver a vida perigosamente!

issuu-downloader.com

Denise da Supra revela seu ideal

Denise de Stefani Max há seis anos é administradora da Supra (Sociedade Uberabense Protetora dos animais) que resgata, trata e encaminha para a adoção animais abandonados. De acordo com ela, desde que se conhece como gente, é de fundamental importância ajudar este seres vivos e viver totalmente para eles. Antes de ser administradora da ONG, ela morou em São Paulo, por 16 anos, onde começou o projeto de assistência aos animais abandonados. Conseguiu resgatar alguns animais da rua e, após 11 anos, voltou para Uberaba com 50 cachorros. Ao regressar, participou como voluntária no Centro de Zoonoses e, depois, da Supra, tornando-se administradora e, atualmente, única voluntária fixa.

Cecília Arduini
1º *período de Jornalismo*

Jornal Revelação: Qual o órgão definido na Constituição é responsável por cuidar e proteger animais abandonados?

Denise de Stefani Max: Os animais são todos tutelados pelo Estado, no decreto 24645, no 1º art., que diz: "Somos todos tutelados do Estado".

Revela: A ONG atualmente recebe auxílio?

Denise: Não, hoje a ONG é mais julgada pela condição estrutural que se encontra do que recebe ajuda. O trabalho que era para o Estado executar é todo repassado para a ONG, porém, sem receber nenhum auxílio.

> "Na verdade, eu sou autêntica, se isso vai dificultar ou não, irei enfrentar

Revela: A quem você recorre para receber tal auxílio?

Denise: Recorremos a "cachorreiros e gateiros", do meu próprio salário, redes sociais, bingos, brechós, casas de ração e, às vezes, "vendemos até nossas mães, só não entregamos".

Revela: Você foi muito bem votada nas últimas eleições para vereadora. O que viabilizaria para a ONG se você tivesse sido eleita?

Denise: Viabilizaria tudo, pois a ONG poderia se estruturar. Eu conseguiria mais pessoas para dar auxílio e lutaria pelo todo, pois não adianta somente recolher os animais, temos que ter políticas públicas para tal problema ser amenizado.

Revela: Quais são as políticas públicas relacionadas aos animais que você busca para implantar em Uberaba?

Denise: Primeiramente, criaria uma Secretaria de Proteção aos Animais, pois Uberaba ainda possui uma lei de eutanásia para cachorros considerados de raça agressiva. Isso é um absurdo. Já consegui a lei que obriga a castração obrigatória dos animais abandonados e a proibição do uso de animais nos circos. Incorporando também a implantação de micro chip, a proibição do uso de carroças e a punição com multa e, dependendo do caso, a prisão para indivíduos que praticam maus-tratos aos animais, pois, somente assim, eles terão a consciência sobre seus atos.

Foto: Cecília Arduini

Atualmente, a Supra abriga cerca de 400 animais, entre cachorros, gatos e cavalos

Revela: Qual a cota de responsabilidade e compromisso que a população deve ter para evitar o número de abandono dos animais?

Denise: A cota é de 100%. A comunidade deve ter seu primeiro ato de responsabilidade educando as crianças sobre isso. Seria também de um ensinamento em massa se fosse repassada tal consciência de proteção e controle de animais, através das escolas, mas, independentemente de qualquer situação, as pessoas deveriam ter uma consciência ímpar de colaboração responsável.

Revela: Dar a cara a tapa com tudo e todos sobre a situação em que se encontra a ONG foi é/ou favorável ou dificulta a colaboração e

issuu-downloader.com

desenvolvimento que a ONG exerce?

Denise: Na verdade, eu sou autêntica. Se isso vai dificultar ou não, irei enfrentar, pois se eu estou lutando pelo direito deles e a lei tem que ser cumprida, então, não irei engolir sapos. Isso mostra para as pessoas que você não está sozinho e que existe a comoção popular, então, se você ficar sentado esperando a morte chegar não vai acontecer nada. Existem pessoas e pessoas, eu sou a que vai pra cima. Atualmente, sou respeitada pelo jeito que enfrento tudo e todos para conseguir os direitos para os animais.

Revela: Qual a maior dificuldade que você já enfrentou em prol da ONG?

Denise: A maior dificuldade que eu enfrento são os órgãos públicos. Eles não ajudam e querem atrapalhar o trabalho da ONG, pois enviam fiscalização, que é totalmente irrelevante. Eu não escondo de ninguém a situação em que se encontra a ONG por falta de auxílio dos mesmos. As instituições que recebem para dar assistência médica e possuem esse recurso para estar com estrutura regulamentada não recebem nenhuma punição. Assim, eles caem pra cima dos fracos e isso frustra muito.

Revela: Teve algum momento em que você pensou em desistir desse objetivo que é dar todo auxílio para os animais abandonados?

Denise: Não gosto muito da palavra desistir, mas tem momentos que penso, porém, é um pensamento ligeiro, pois olho para os animais e já me esqueço. Todo ser humano que sofre aporrinhações das quais citei fica descrente, mas não penso em desistir, só dá vontade, em momentos assim, de pegar o problema e entregar para os mesmos que julgam que possuem a responsabilidade de assumir o compromisso e dizer: "Toma que o 'filho' é seu. Se vira que eu vou voltar a morar na minha casa confortável e só ficar fiscalizando, igual a você". Porém, sei como seria a administração dos mesmos e não vai ser de confiança e dedicação como é a minha.

Foto: Arquivo Jornal da Manhã

Denise faz questão de frisar que os animais são seus melhores amigos

Revela: Você se sente totalmente realizada com o trabalho que exerce?

Denise: Sinto-me realizada e privilegiada, pois possuo algo que muitas pessoas não têm, que é o poder de escolher com quem eu tenho amizade ou quem vai estar ao meu lado em uma feira de adoção e tudo mais. Se eu perceber que alguma pessoa está nessa área por pura vaidade, para aparecer, me deixa muito irritada, pois é um apoio rápido e por interesse pessoal. Estou tranquila pela minha condição estar me dedicar totalmente a eles, sendo a porta-voz dos animais.

A tal vida que ninguém vê

Rona Abdalla
8º período de Jornalismo

Recentemente, li crônicas da jornalista Eliane Brum, no livro "A vida que ninguém vê". As histórias pareciam saltar das páginas. Era como se vivenciasse cada uma junto com ela. Relatos tão verdadeiros que eu ficava por entender o que poderia existir além. Passei a observar a história alheia com outros olhos. Dona Márcia cruzou meu caminho. Márcia Fernandes, de 62 anos, é uma senhora muito simpática, voluntária da Casa de Apoio Danielle.

Quando a encontrei, não imaginava que por trás do sorriso, com algumas falhas, houvesse tanta coragem. Há cerca de cinco meses, dona Márcia perdeu um filho, em seus braços. Resolveu então viver para o voluntariado.

Ela nasceu em Uberaba, mas a vida a levou para várias estradas. Ainda menina, sonhava em ser médica, mas terminou o colegial, engravidou e foi mãe solteira. Naquele tempo, colocada para fora de casa, se viu perdida. Tempos mais tarde, encontrou quem achava ser o grande amor e casou-se. Outro filho veio, desta vez, com o pai presente. Em busca dos sonhos, tornou-se técnica de enfermagem. Se viu obrigada a lidar com a traição do marido (que morreu assassinado) e agora tenta se reinventar novamente.

Uma tentativa de superar ajudando quem precisa sem se abater. Entendi o que Eliane Brum dizia. De longe, ninguém imagina a bagagem que cada um carrega. Por vezes, o peso é tão grande que, por cansaço, decide-se parar de lutar e arrasta-se com o que a vida mandar. Por outras vezes, a vida parece oferecer forças para carregar esse peso.

Há cinco meses, esta personagem dorme e acorda na casa de apoio aos pacientes em tratamento nos hospitais de Uberaba. Tornou-se mãe para os que estão lá, sempre disposta a ajudar e a tratar todos com carinho.

Questionei dona Márcia sobre ser feliz. Ela sorriu, tentando esconder a resposta que, talvez, nunca terei. "Perdi a minha família sanguínea, mas abracei o mundo inteiro. Não sei se é egoísmo ou excesso de amor. Minha família é o mundo. Todos que estão em volta de mim", finaliza.

Foto: Ana Clara Rodrigues

Dona Márcia, aos 62 anos, dedica-se inteiramente ao voluntariado

issuu-downloader.com

Gilson Batata se espelhou na glória de 2003 para tentar reerguer o Uberaba Sport Club

Gilson Pires da Silva, popularmente conhecido no meio futebolístico como Gilson Batata, nasceu em Santa Bárbara d'Oeste. Durante seus 22 anos de carreira como jogador profissional, Batata marcou 535 gols e atuou por 28 equipes, incluindo clubes como Vasco da Gama-RJ, Guarani-SP, Atlético-PR e o Uberaba Sport Club. O jogador também atuou pelo Atlético de Madrid, da Espanha, e teve a oportunidade de disputar a Copa do Rei no ano de 1989.
Ele foi um dos responsáveis pela excelente campanha feita pelo USC em 2003, que rendeu ao time o acesso à primeira divisão do Campeonato Mineiro e, este ano, aos 45 anos de idade, o ex-jogador voltou ao Colorado no cargo de treinador com o desafio de reerguer o clube, rebaixado para a terceira divisão do campeonato estadual. Não deu.
Atualmente, na vizinha Uberlândia, treinando o clube que ele mesmo fundou, o Atlético Portal, Gilson conta sua experiência no Revela à frente do Colorado.

Thaís Contarin
2º período de Jornalismo

Foto: Arquivo Jornal de Uberaba

Após deixar o comando do USC, Batata encara o desafio de liderar o time que fundou, o CAP, em Uberlândia

Revelação: Quais as recordações daquele time do Uberaba de 2003?

Gilson Batata: Eu havia acabado de jogar o Campeonato Paulista quando fui contratado pelos diretores do clube. Existia uma carência na posição de atacante e eu acabei me tornando ídolo da torcida e uma pessoa referência para o clube quando comecei a jogar e fazer os gols. Embora tenha sido campeão em outros lugares, minha passagem no Uberaba foi marcada pelo carinho, pela dedicação que o torcedor teve comigo. Isso se mantém até hoje.

Revela: Quais eram, na sua opinião, os pontos fortes daquela equipe?

Gilson: Nós tínhamos jogadores que desequilibravam dentro de campo. Uma equipe não se faz apenas de um setor forte. No gol, tínhamos o Milagres, que havia jogado no Atlético, que podíamos confiar que ele iria pegar quando a situação estivesse difícil. Tínhamos também o Emerson e o Paulista, que já vinham jogando há bastante tempo juntos e formavam uma boa dupla de zaga. No setor de meio, tínhamos o Moacir, que também jogou no Atlético; o Palhinha, que era um cara que desequilibrava em sua parte técnica. Ali na frente, eu resolvia o problema de gols. Então, na verdade, não foi só o Gilson Batata que desequilibrou naquele ano. Fiquei marcado pelos gols, mas a equipe era muito forte.

Revela: Ainda falando sobre aquela época, como era a estrutura do Uberaba?

Gilson: Era diferente. Na verdade, nós não tínhamos um centro de treinamento, nós precisávamos procurar campos na cidade para treinar. Nós jogávamos no Uberabão, os salários eram em dia e as concentrações e viagens eram muito boas. Então, eu não acho que foram as questões estruturais que trouxeram os problemas acarretados agora.

Revela: Você teve a oportunidade de jogar pelo Uberaba e teve a oportunidade de ser o técnico. Você poderia traçar um paralelo desses momentos?

Gilson: Em 2003, a nossa equipe tinha o perfil da divisão e contávamos com atletas que desequilibravam e chamavam a responsabilidade dentro de campo. Também contávamos com o apoio financeiro. Pode-se dizer que os atletas correspondiam fora de campo e a

issuu-downloader.com

> Tenho treinado equipes com dificuldades financeiras e com pouca estrutura de trabalho

diretoria fazia o papel dela do lado de fora. Por outro lado, quando eu cheguei para assumir o cargo de técnico, encontrei um ambiente muito deteriorado e jogadores que não tinham o perfil da divisão, tanto é que precisei fazer uma lista de dispensa dos atletas que não seriam aproveitados. Então, na verdade, foram muitos erros que acarretaram nesse insucesso. Além disso, havia a dificuldade financeira da diretoria em saldar seus compromissos. Nós até promovemos alguns atletas mais jovens de divisões de base para ver se conseguíamos colocar um pouco mais de motivação, um pouquinho mais de força, de determinação; coisas que os atletas mais velhos que haviam sido contratados já não tinham mais. Nós não conseguimos extrair mais nada deles.

Revela: Quando você assumiu o cargo de técnico do Uberaba, o time já era o último colocado da Chave A, contabilizando dois empates e três derrotas na competição. O que o motivou a aceitar o cargo?

Gilson: Na verdade, nós tínhamos um projeto diferente para o clube. O interessante é que foram dois extremos. Eu estava dirigindo uma equipe que estava em primeiro lugar na outra chave e os diretores daqui estavam sempre me ligando para que eu pudesse vir ajudá-los. Eu sabia da atual situação e disse para a diretoria que era preciso uma nova reestruturação para limpar todas as coisas erradas que estavam acontecendo e, para isso, seria necessário um período maior para se trabalhar, ou seja, era necessário um contrato mais longo para que pudéssemos renovar todos os setores administrativos do clube, diretoria, atletas, departamento amador.

Revela: Em sua opinião, pode-se dizer que a imagem do atacante goleador é sempre a do herói e a do treinador, na maioria das vezes, a do vilão?

Gilson: É muito mais fácil hoje você crucificar um técnico do que crucificar uma equipe toda. É muito mais fácil você pegar um profissional, crucificá-lo e dispensá-lo do que dispersar um elenco inteiro. No meu caso, assumi o cargo de técnico da equipe para que ela voltasse a ter aquela referência que sempre teve. No entanto, não foi possível fazer muita coisa para evitar o rebaixamento do clube, já que nós chegamos tarde e nos deparamos com um ambiente muito deteriorado.

Revela: Foi divulgado pela imprensa que você teria apresentado uma proposta de fusão do Uberaba com outra equipe como forma de tirar o Colorado da situação em que se encontra. Foi esta proposta mesmo?

Gilson: Em 2010, foi fundado o Clube Atlético Portal, em Uberlândia, que disputa a Terceira Divisão do Campeonato Mineiro. Esse clube foi formado justamente para revelar atletas, ele não tem o compromisso de ser campeão, de subir de divisão ou coisa parecida. Com a queda da equipe do Uberaba, o Colorado só poderá voltar ao Módulo II do Campeonato Mineiro em janeiro de 2015, ou seja, ele volta a jogar a segunda divisão em agosto de 2014 e precisa ganhá-la para, em janeiro do outro ano, voltar ao Módulo II. Pensando que é um tempo muito longo pra uma equipe de tradição ficar sem contato com seus torcedores e sem estar divulgando seu produto na cidade, eu propus uma fusão entre o CAP, onde eu sou o presidente.

Revela: Como seria isso?

Gilson: O CAP cederia a sua vaga para que o Uberaba pudesse disputar a terceira divisão do Mineiro em agosto deste ano, mas, para isso acontecer, o USC teria que comprar o CAP. O CAP é um futebol-empresa e o Uberaba Sport é uma associação. Sendo assim, o Colorado teria duas equipes em uma só. A associação jogaria com o departamento amador e o futebol-empresa jogaria com o futebol profissional agora, em agosto de 2013. Nós acelerariamos em um ano e meio o processo de retardamento que nós temos até voltar ao Módulo II. Entretanto, existe uma situação de Federação e uma situação documental para se ver a viabilidade disso. O Uberaba se transformaria de associação para clube-empresa, então, na verdade, seria uma modernização do futebol, mas existem os torcedores que são apaixonados, que são tradicionais e que às vezes não aceitariam isso. Sendo assim, eu não sei se nós vamos conseguir implantar esse projeto agora aqui em Uberaba.

Revela: É fato que todos os jogadores que atuam no interior têm a ambição de defender um time de grande visibilidade no cenário brasileiro. O mesmo ocorre com o técnico? Você tem essa ambição de treinar um time de grande visibilidade?

Gilson: Isso é verdade. Quando se é atleta você quer jogar em uma equipe grande, quer ir para o exterior ou até mesmo vestir a camisa da seleção brasileira. Esses são os objetivos e eu realmente acho que todos têm que ter objetivos grandes. O atleta começa em um time pequeno e, logo em seguida, sonha com o time grande. A partir daí, sonha em jogar na seleção e, por fim, sonha em ir pro exterior. Esses são os degraus da carreira do jogador e eu acredito que com o técnico ocorra da mesma forma. Até o presente momento, tenho treinado equipes com dificuldades financeiras e com pouca estrutura de trabalho. Contudo, tenho certeza de que quando eu tiver a oportunidade de trabalhar em uma equipe que ofereça uma boa estrutura o meu trabalho aparecerá melhor. Consequentemente, outros clubes se interessarão e aí eu começarei a subir os degraus, sempre almejando algo melhor para a minha carreira.

Foto: Thaís Contarin

issuu-downloader.com

Kaká: de apresentador de TV a vereador

Edcarlo dos Santos Carneiro, o Kaká Se Liga, de 30 anos, é administrador de empresas, graduado pela Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro (FCETM) com pós-graduação em Marketing e Gestão de Mercado. Já foi jogador de futebol em times como Cruzeiro e Universidad do Chile e também bancário. No ramo da comunicação, foi apresentador de programas como o "TOP" e o "Se Liga", que lhe forneceu o apelido de parlamentar. Chega à condição de vereador após ser eleito com 3966 votos pelo PSL, Partido Social Liberal, no qual se filiou, em 2007. Dessa forma, enfrenta um novo desafio, a política, onde se aventura em seu primeiro mandato.

Fotos: Arquivo Pessoal

Kaká construiu sua carreira política por meio de programa de televisão direcionado ao público jovem, voltado para a irreverência e a cobertura de eventos na cidade de Uberaba

Andressa Santos
2º período de Jornalismo

Jornal Revelação: Em seis anos de filiação ao PSL, esta foi a segunda vez que participou do pleito a vereador, vencendo e se consagrando o 4° vereador mais bem votado. Você se considera habilitado para fazer uma boa gestão?

Kaká Carneiro: Claro que sim. Desde 2008 eu já enxerguei uma possibilidade de sair candidato. Daquele ano pra cá, na primeira eleição, eu não saí eleito, mas me senti vitorioso pela quantidade de votos que foi quase 1700. Não fui eleito por questões democráticas políticas partidárias, mas desde aquele ano eu já estava muito preparado pra fazer uma boa gestão. DEUS me contemplou no momento certo, eu tive quatro anos pra me preparar. Me preparei e agora vou colocar tudo em prática, como eu sempre quis, de uma forma democrática, bastante atuante.

Revela: Qual o balanço dos 100 dias de mandato?

Kaká: Ótimo, perfeito, estou muito feliz. Eu já tenho colhido resultados do meu mandato participativo, porém, diferente do que é realmente a função de vereador, que ajuda a população e cria projetos. Eu tenho procurado fazer além do que o vereador faz, uma política pública de gestão mesmo. Vou te dar um exemplo: semana passada eu fui pra Belo Horizonte e em Belo Horizonte a gente conseguiu, andando de secretaria em secretaria, com ofício na mão, dois carros, um pra Delegacia da Mulher e outro pra Diretoria Regional, moto pra delegacia da Mulher, computador, cadeiras de rodas. Então, eu acho que a gente tem que fazer além daquilo que é proposto no mandato do Legislativo e isso que a gente tem procurado fazer.

Revela: Em qual ponto ser um dos vereadores eleitos mais jovens da câmara pode interferir no seu mandato?

Kaká: Tem dois lados. Primeiro, é a jovialidade, a força de vontade e a responsabilidade de querer fazer diferente e segundo, que a gente não pode esquecer. Somos de uma terra absolutamente tradicional e conservadora. Que, de primeiro impacto, a gente pode não transparecer confiança que as pessoas mais tradicionais precisam, mas eu vejo que existem crianças de 60 anos e homens

issuu-downloader.com

de 18, de 20 e de 30. Então, eu acredito que a própria cidade vê a credibilidade que nós estamos passando. E eu digo nós, porque eu não trabalho sozinho, tem o trabalho do meu gabinete e eu preciso de todos os vereadores. Pode ter certeza que isso que a gente procura fazer, passar credibilidade e, dentro destes dois pontos, fazer com que o nosso mandato seja um mandato de respeito e fazer com que a população entenda que ela escolheu o homem certo pra ocupar aquela cadeira.

Revela: De que modo a graduação em Marketing e a atuação no meio de comunicação podem lhe auxiliar na execução do mandato?

Kaká: Total. Eu acho que todo o ensino teórico que venha a fazer com que o ser humano tenha aprendizagem e uma preparação técnica, teórica e prática ela agrega valor. Então, essa pós-graduação que eu fiz me serviu e tem um grande valor na minha vida, na minha carreira profissional e no meu dia a dia.

> Temos que fazer um mandato de resultados práticos para a população e o caminho que este caminho tem que percorrer é Deus

Revela: Como participante da Comissão de Educação e Cultura, Comissão de Infraestrutura, Comissão de Direitos Humanos do Idoso e da Mulher, Comissão de Fiscalização Alimentar e Nutricional, Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Agronegócio e a Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável acredita que poderá contribuir com todas as necessidades que elas visam atender?

Kaká: Sim, claro. Quando a gente colocou o nome à disposição dos vereadores pra fazer parte dessas comissões, nós sabíamos das qualidades e características técnicas e atuação política nas comunidades. Então, me sinto muito preparado pra desempenhar meu papel, que é muito importante pra sociedade. Os projetos passam pelas comissões antes de vir a plenário, sempre visando o interesse da população. Eu sou presidente da Educação e Cultura, e a educação é a segunda maior empresa de Uberaba, só perde para a Prefeitura. Daí a responsabilidade de estar à frente de tais comissões.

Revela: Já tem objetivos traçados para quando for presidente da Mesa Diretora, no 4° ano de mandato, em 2016?

Kaká: Temos. Eu entrei agora e tenho 100 dias de mandato. Estou no primeiro mandato, estou conhecendo a casa e o planejamento inicialmente, que não é restrito, vai ser fazer um planejamento estratégico de gestão pra casa. O que seria? Nós estaremos à frente da mesa diretora em 2016, eu quero preparar a prefeitura para a gestão de 2030, 2040 e colocar abertos meus objetivos para as próximas gestões. O que a gente pensa é em colocar no regimento interno metas e objetivos para cada departamento porque, com os departamentos bem organizados, bem administrados, o maior beneficiário disso será a população. Preparar cargos pra que deem bastante estrutura e sustentação para que o vereador faça uma gestão legal.

Revela: O vereador intitula seu mandato como participativo. Como a comunidade auxilia na elaboração de projetos e no cumprimento do cargo?

Kaká: Total. Primeiro, esse cargo aqui é da população e, segundo, toda aquela demanda que você tem, de quem está ouvindo a gente tem ou quem está vendo a gente também tem, eu estou aqui pra tentar resolver. Hoje mesmo, eu fui no bairro Santa Maria e no bairro Abadia atender a demanda da população. Se eu não tiver ninguém para reclamar, auxiliar ou até mesmo criticar eu não consigo fazer um mandato participativo. Por isso, é uma característica do nosso mandato sempre estar perto da nossa população, nos bairros, nas ruas, ir até onde o povo está e também nas empresas. A gente está fazendo este projeto também nas empresas. Iremos começar esta semana, porque nas empresas os funcionários entram às 7h e saem só às 17h e não tem tempo para poder procurar o poder público, então eu vou até essas pessoas para poder levar.

Revela: Dia desses, o vereador utilizou o transporte público coletivo de Uberaba. Que ações a população pode esperar do senhor no sentido de melhorá-lo?

Kaká: Já tive reunião com o pessoal da Piracicabana e estou aguardando agora uma agenda com o pessoal da Líder. A gente sabe que o problema do transporte coletivo é que nem "um buraco sem fundo". Todo dia tem problema em alguma localidade da cidade. Dessa forma, a gente está tentando resolver aqueles problemas macros que são o horário, a acessibilidade ao transporte, a questão do cobrador, enfim, as questões que sejam mais problemáticas no transporte. Estamos elaborando projetos, em conjunto com a Piracicabana que já tivemos um encontro, para serem implantados em seis meses. Mas que precisa ser melhorado não tenha dúvida.

Revela: Qual foi a contribuição mais significativa que o Congresso Mineiro de Vereadores, no início do mês, o forneceu?

Kaká: Total. Na realidade ele te dá uma ampla visão do que é a função. Pra gente nortear um pouco mais os horizontes na questão jurídica, na questão normativa, de regimento interno, de tudo aquilo que fizer parte dos procedimentos de gestão. É muito amplo, além do que aquilo que a gente enxerga como cidadão comum. Então, me sinto hoje mais preparado do que há 100 dias e me preparando a cada dia mais.

Revela: Como planeja a sua carreira política para tornar-se prefeito daqui a 20 anos?

Kaká: Olha, é um projeto ousado. Todo ser humano, como tem que ser na vida, tem que correr atrás de metas. Se eu for me acomodar em quatro ou cinco anos no mandato de vereador a gente chega a 20 anos. Então, nós temos que fazer um mandato participativo, atuante, dinâmico, de resultados práticos para a população e o caminho que este projeto tem que percorrer é DEUS. Ele que está me guiando. Não adianta eu falar que eu quero ser deputado daqui a quatro anos, depende de várias circunstâncias e fatores pra chegar lá. Eu tenho que fazer um mandato como vereador, trabalhar como vereador, atender a população como vereador e buscar recursos estaduais e federais para atender, melhor ainda, a população.

issuu-downloader.com

Matheus luta pela vida e pelos sonhos

A conquista da bolsa de estudos integral para cursar o curso de Farmácia na Uniube veio com um sabor especial para o ituveravense Matheus Corrêa. Aos 17 anos, ele decidiu deixar o seu emprego, onde trabalhou por três anos, para se dedicar totalmente aos estudos. Com nove meses de vida, Matheus foi diagnosticado com uma anemia genética, a Talassemia. Desde então, faz inúmeras sessões de transfusões sanguíneas como tratamento. Aos dez anos de idade, o estado da saúde de Matheus agravou-se e ele foi submetido a um transplante de medula óssea, em Curitiba, no Paraná. O transplante, no entanto, não obteve sucesso e Matheus continua sendo portador da Talassemia, doença que ainda hoje é considerada rara em todo o mundo.

Gabrielle Paiva
4º período de Jornalismo

Jornal Revelação: Como você se sentiu quando soube que teria que realizar um transplante?

Matheus Corrêa: Eu ainda não tinha maturidade para pensar quais eram os riscos e os benefícios, mas com o pouco de conhecimento que tinha, na época, vivendo e presenciando cada momento, senti que a situação da minha saúde não estava muito boa, então, não pude pensar duas vezes.

Foto: Arquivo Pessoal

Revela: Quais os momentos mais difíceis no hospital?

Matheus: Os efeitos da quimioterapia foram rápidos. Eu tomei sete dias de quimioterápicos e tive queda do cabelo, mas esse não foi um momento que me deixou triste. As reações muitas vezes me deixavam pra baixo. Me dava fraqueza, eu não conseguia comer por causa das feridas na garganta, tinha baixa resistência e sem coagulação, devido ao baixo número de plaquetas, tive muito sangramento, inclusive muitas vezes pelo nariz.

Revela: Nos três meses em que ficou internado algo te fez rir?

Matheus: Houve momentos tristes, mas outros muito alegres. Um desses momentos alegres foi o meu aniversário que foi comemorado lá dentro do hospital, onde a temática foi do ursinho Pooh. Isso até hoje me diverte porque eu estava completando 11 anos.

Revela: No tempo em que você morou em Curitiba, quem você conheceu que passou a integrar sua vida?

Matheus: Precisei de 50 doadores de sangue para realizar o transplante com sucesso, então, a busca por essas pessoas se tornou incansável ao longo do prazo que eles me deram. Foi conhecendo um, pedindo pra outro, fui até em uma igreja que eu nunca tinha frequentado lá e subi no altar para convidar as pessoas a me ajudarem e muitas foram ao meu encontro na casa onde eu morava. A família que me acolheu lá, o casal com seus filhos, todos se tornaram inesquecíveis na minha vida.

Revela: Nos sete meses longe de sua cidade natal, do que você mais sentiu falta?

Matheus: Nos primeiros meses, senti falta da comida da minha avó, inclusive das verduras e legumes que ela trazia direto da roça para mim. Lá, eu só podia comer assado e cozido, então, eu sentia falta.

Revela: Quando você voltou para casa, qual a primeira coisa que você lembra de ter feito?

Matheus: Tive uma acolhida dos meus amigos. Eles espalharam cartazes pela casa inteira e eu também me lembro de ter feito uma ligação para a família lá de Curitiba dizendo que eu tinha chegado e que estava muito bem. Naquele momento, já choramos de saudade.

Revela: Você já sofreu algum preconceito por ser portador de Talassemia?

Matheus: A Talassemia é uma doença que no Brasil hoje possui mais ou menos de 400 a 500 portadores, então, por não ser muito divulgada muitas pessoas não conhecem a real situação, mas não existem riscos para mim e nem para outras pessoas, como as paqueras, os amigos e outros mais. Então, nunca sofri nenhum preconceito relacionado a isso. A única coisa que pode vir a acontecer é se me relacionar com uma mulher portadora dos traços da doença, que vai trazer a chance dos nossos filhos serem portadores da Talassemia.

Revela: O que te motivou a escolher o curso de Farmácia?

Matheus: Eu tomei essa decisão com 14 anos, mas foi ao longo dos anos que formei uma melhor opinião. Eu decidi em uma feira da Uniube que o farmacêutico pode atuar tanto no campo laboratorial quanto na área dos medicamentos, então, foi um sonho que, graças à ajuda de outras pessoas, estou conseguindo concretizar.

Revela: Se você pudesse voltar no tempo teria feito algo diferente?

Matheus: Muitos dos meus erros eu gostaria de ter corrigido, mas um dia eu acho que ofendi alguém, ou que deixou mágoas por muito tempo e, então, se eu pudesse voltar atrás, acredito que teria evitado essa situação.

Revela: Como você se imagina daqui a 15 anos?

Matheus: É difícil responder a essa pergunta, mas espero realizar meus sonhos, seguindo minha carreira profissional para que eu possa me tornar um profissional qualificado e bem-sucedido daqui a alguns anos.

issuu-downloader.com